

Princípios básicos: a necessidade de um consenso mais amplo sobre os fundamentos da polarização

O diálogo sobre os perigos da polarização diz respeito a todo o planeta. Mas, até que haja maior acordo sobre as suas características determinantes, as urgentes soluções para a polarização das sociedades e dos sistemas políticos continuarão precárias e pouco desenvolvidas.

Por [Mark Freeman](#), Fundador e Diretor Executivo IFIT

Em 1939, Winston Churchill teria descrito as intenções políticas da Rússia como uma “charada envolta em mistério, dentro de um enigma”. Em 2023, a mesma frase pode ser associada ao entendimento coletivo do termo “polarização”.

O assunto é notoriamente complexo. Mas chegou o momento de abordar profundamente as suas persistentes ambiguidades, e passar a uma compreensão mais generalizada da polarização. Os benefícios deste movimento podem ser imensos, possibilitando o melhoramento da capacidade de diagnosticar causas e sintomas locais de polarização, desenvolver estratégias preventivas e de resposta, medir mais precisamente o efeito de intervenções e diminuir confrontos com potenciais aliados que rejeitam com clareza determinados usos do termo.

Pretendendo ser um passo prático nessa direção, este artigo está dividido em três partes principais. A primeira componente está centrada no nível das ideias, examinando contradições persistentes na nossa compreensão de polarização e oferecendo uma definição “inequívoca” que possa facilitar a existência de um parâmetro no futuro. O segundo elemento recolhe informação de uma análise global sobre a antipolarização e do próprio trabalho de campo do IFIT, visando a formular um espectro indicativo de soluções que corresponda à definição inequívoca. A terceira parte observa resumidamente o impacto da ausência de redes globais organizadas de acadêmicos e de profissionais que trabalham em conjunto sobre a polarização e reflete sobre o possível significado de um “campo” de polarização surgir.

Embora o problema da polarização não possa ser comparado a guerras civis, autoritarismo, genocídio ou outros males, ele pode – se continuar sendo ignorado – tornar-se um prenúncio e um catalisador de tais questões. Alguns chamam-na um *hiperproblema*: o tipo de problema que faz as outras situações mais difíceis. De forma imperceptível e potencializadora, a polarização pode ameaçar tudo – desde o ideal de uma sociedade tolerante, passando pelas práticas políticas e legislativas comuns, até ao futuro da coexistência pacífica e as liberdades essenciais.

PRIMEIRA PARTE: CONSTRUINDO O CONCEITO DE POLARIZAÇÃO

A primeira parte deste artigo apresenta uma série de ambiguidades relacionadas à forma como a polarização é compreendida, discute formas de tratar essas ambiguidades e propõe uma definição de polarização que se concentra nas suas características fundamentais.

1. Ambiguidades na definição

Na pesquisa, entrevistas e convenções realizadas nos primeiros dezoito meses da [Iniciativa Global sobre Polarização](#), promovida pelo IFIT e pela Fundação Ford, seis dúvidas e desacordos conceituais foram repetidamente mencionadas. Ao descrevê-los, a meta é destacar alguns dos enigmas da definição que precisam ser decifrados para que seja possível abordar, deter e medir a polarização da maneira mais eficaz.

As ambiguidades são surpreendentemente simples, mas passam facilmente despercebidas, muito por conta da profusão de adjetivos geralmente associados à palavra “polarização” (por ex., afetiva, ideológica, simétrica, assimétrica, política, social, étnica, religiosa, racial, elitista, de massas, perniciosa, tóxica, benigna, entre outros).

Permanente x efêmera

A polarização é um fenômeno que aparece e desaparece, de modo que as sociedades e sistemas políticos podem deixar de ser polarizados? Ou será algo permanente, o que implica que as sociedades e os sistemas políticos estarão sempre polarizados até certo ponto? É possível imaginar que uma pergunta tão simplória já tenha sido respondida há muito tempo, mas ainda não foi. Para um grande número de especialistas, a polarização é um estado do qual se pode entrar e sair. Para outros – incluindo autores de trabalhos comparativos substanciais na classificação e [medição da polarização](#) – trata-se de um fenômeno que pode ser intensificado ou abrandado, mas, assim como os conflitos, nunca pode ser evitado.

Negativa x positiva

Uma segunda dúvida, que se relaciona em parte com a primeira, coloca a questão sobre a polarização ser sempre negativa para as sociedades e sistemas políticos ou se ela pode, às vezes, ser “benigna”. Defensores da primeira hipótese afirmam que a

polarização é um estado que deve ser consistentemente prevenido ou combatido. Em contrapartida, há muitos que consideram a polarização tolerável ou neutra, e que só passa a ser motivo de preocupação após determinado limite, tornando-se “perniciosa”, “grave” ou “tóxica”. Outra linha de pensamento é que o valor líquido da polarização é positivo, presente no frequentemente citado conselho de Saul Alinsky para progressistas, **“para organizar, primeiro é necessário polarizar”**. A ideia é que, para causas nobres que exigem mobilização de aliados em ampla escala, é uma questão de estratégia incentivar a polarização. Não está tão claro, porém, se os defensores da máxima de Alinsky apoiam a mesma tática (e as suas consequências) quando se trata de uma causa considerada ilegítima.

Bipolar x multipolar

Outra ambiguidade marcante nos debates sobre a polarização das sociedades e dos sistemas políticos está centrada em algo igualmente básico: se a polarização é sempre bipolar ou se pode ser multipolar. Um enquadramento exclusivamente bipolar – que muitas vezes fica implícito, mas não explícito – sustenta que a polarização só ocorre entre dois polos ou eixos, como sugere a origem científica do termo. Por outro lado, um enquadramento multipolar – uma visão geralmente associada a estados frágeis e formas de polarização “étnicas” – afirma que a polarização pode ocorrer entre vários eixos. Um ponto fundamental como esse não ser objeto de consenso explícito e generalizado entre especialistas é algo surpreendente.

Horizontal x vertical

Uma quarta incerteza digna de nota diz respeito à direção da polarização e, por conseguinte, à posição e à força comparativa dos “polos”. Para a maioria dos acadêmicos e profissionais, a polarização parece representar uma dinâmica fundamentalmente horizontal e centrífuga, envolvendo uma crescente tensão entre polos de tamanho ou de força equivalente. No entanto, a polarização também é, por vezes, usada para descrever dinâmicas verticais e assimétricas em que um lado poderoso (por ex., um grupo social majoritário ou um governo central autoritário) é ativamente hostil e capaz de dominar um lado relativamente menor e menos hostil.

Racional x emocional

Uma quinta área de ambiguidade, presente na literatura e na prática, coloca a questão da polarização ser um estado em que o “afeto” (ou seja, o sentimento) pode fortalecer ou enfraquecer significativamente a receptividade de indivíduos e de grupos à persuasão baseada em narrativas alternativas e fatos contraditórios. Para alguns, o afeto é intrínseco ao conceito (ou seja, pessoas polarizadas são pessoas mais dominadas pelos sentimentos). Para outros, a polarização é um rótulo que também pode ser usado para descrever disputas intergrupos que são rancorosas, mas, mesmo assim, predominantemente baseadas em ideias. Tais disputas são o que pacificadores chamariam de formas de conflito “saudáveis”.

Grande x pequena

Uma sexta diferença relacionada à polarização diz respeito à escala mínima em que o termo seria adequado para definir problemas nas sociedades e nos sistemas políticos. Na maioria das vezes, o termo é atribuído a divisões que atingiram certa escala social e política e se tornaram motivo de grande preocupação pública. No entanto, alguns usam “polarização” para descrever disputas muito específicas entre grupos ou causas localizadas, mesmo quando não têm forças ou efeitos ao nível macroscópico. Parte dessa ambiguidade pode-se dever à forma indiferente com que o verbo “polarizar” é equiparado ao substantivo “polarização”, de forma que afirmações ou ações polarizadoras sejam consideradas indícios de um estado de polarização, mesmo que se trate apenas de confrontos isolados.

Seis das principais ambiguidades presentes no entendimento da polarização

- | | |
|--------------------------|---------------------------|
| 1. Permanente ou efêmera | 4. Horizontal ou vertical |
| 2. Negativa ou positiva | 5. Racional ou emocional |
| 3. Bipolar ou multipolar | 6. Grande ou pequena |

2. A superação das ambiguidades

Se a polarização não apresentasse riscos, as ambiguidades que permeiam essa definição não seriam preocupantes. Poderíamos debater ou ignorá-las tranquilamente. No entanto, a polarização é uma preocupação cada vez maior para muitos grupos em sociedades e sistemas políticos com alto grau de diversidade. A quantidade de material escrita sobre a polarização em todo o mundo é vasto e está-se a propagar rápido demais para cogitarmos o contrário.

No entanto, para nos tornarmos mais eficazes no diagnóstico, na prevenção, no combate e na medição da polarização, há grande necessidade de aprimorar a forma como entendemos e usamos o termo. Particularmente, necessita-se de um trabalho sério para a obtenção gradual de uniformidade sobre as características principais da polarização, e uma reflexão crítica sobre a duração vasta adjetivos em circulação, que complicam a clareza dessa definição.

Fazendo um exercício de raciocínio, considere a ausência de dúvidas em torno de um termo análogo como “sectarismo”. Ao contrário de “polarização”, não há ambiguidade alguma do sectarismo ser negativo ou positivo para as sociedades e para os sistemas políticos. Todas as suas definições indicam o negativo. De modo semelhante, fica claro, pelo radical da palavra, “secta”, que o sectarismo incorpora o domínio da emoção sobre a razão (“concordância tacanha”: Oxford). Uma escala mínima também fica implícita, com base no radical, que é um tamanho unitário de grupo que representa a massa crítica.

Isso mostra que “sectarismo” é um conceito que atingiu maturidade conceitual e de definição. Com o sectarismo, adjetivos como “tóxico” e “afetivo” são supérfluos. Quando utilizamos o termo, há um entendimento básico comum. Quaisquer adjetivos que possamos acrescentar (“políticos, étnicos ou religiosos”: Oxford) servem apenas para trazer clareza adicional ou precisão ao termo-base.

Em relação à “polarização”, pelo contrário, ainda estamos em fase inicial de desenvolvimento conceitual. Aceitamos que seja tratada como qualquer coisa: positiva e negativa, racional e emocional, horizontal e vertical, micro e macro, e assim por diante.

Caso persistam, ambiguidades tão contundente não são distinções benéficas. Em conjunto, são fonte de confusão, porque a polarização pode significar qualquer coisa, desde a luta contra a opressão, uma rivalidade entre clãs familiares ou empresas concorrentes, ou até uma intensa disputa política entre partidos políticos numa democracia pluralista.

Pode-se dizer que nenhum desses exemplos deve ser caracterizado como polarização. No entanto, a amplitude de ambiguidades que permitimos coexistir e que, em seguida, é reforçada por uma infinidade de adjetivos tornam as comparações questionáveis algo aceitável.

3. O caminho ao parâmetro comum

Chegar a um consenso absoluto sobre a definição não acontecerá. O objetivo deste artigo é mais simples: estimular um debate estruturado entre acadêmicos e profissionais que, ao longo do tempo, colaboram para uma compreensão mais universal do que é a polarização, de forma similar à clareza comum sobre “sectarismo”. Com tal entendimento, teremos maior capacidade local e global para alertas preventivas, cooperação estratégica, respostas eficazes e medição de impactos.

Para tanto, este artigo usa o [método de características inequívocas \(*hallmarks*\)](#) para chegar a uma proposta de definição de “polarização”. Esta é uma técnica usada às vezes em ciências naturais, pois ajuda a organizar ideias extraordinariamente complexas e a incorporar usos e conotações cotidianas do termo que está sendo classificado.

Antes de aplicar o método, três pontos devem ser mencionados. Em primeiro lugar, a definição de polarização deste artigo leva propositadamente em consideração as múltiplas origens intelectuais do termo, que remontam, pelo menos, à Grécia Antiga (o conceito de [estase](#) é particularmente relevante). As concepções sociológicas e políticas de polarização desde meados do século XX mostram fortes ecos desta teoria antiga e ao longo do tempo receberam contribuições de muitos outros campos do conhecimento, incluindo psicologia social e economia comportamental. Em contraposição, o significado de polarização na [física](#), que se concentra nas vibrações do vetor elétrico das ondas de luz, tem (curiosamente) sido menos influente.

Um segundo ponto diz respeito à etimologia do termo polarização, que compreende pelo menos duas noções principais “polos” (distância) e “polarizados” (afeto). O conceito de polos é predominantemente compreendido e expressado em termos bipolares quando se trata de sociedades e sistemas políticos (ou seja, conota dois polos que se combinam para formar uma polaridade). Por definição, “polos” implicam uma distância comparativa em oposição a uma proximidade comparativa. Quanto ao *verbo polarizado*, *ele* normalmente denota intensidade. Ninguém o usaria, por exemplo, para descrever um estado mental ou de espírito neutro ou indiferente (ou seja, um eleitorado polarizado não é um eleitorado tranquilo). Finalmente, quando as palavras são combinadas,

uma dinâmica de divergência fica logicamente implícita. O polarizado existe entre os polos, de forma que estímulos agravantes tenderão a aumentar, e não a diminuir a distância entre os polos.

Um terceiro ponto diz respeito à relevância dos sinónimos e das inferências que podem ser extraídas dos termos. Por exemplo, ao descrever a polarização de diferentes sociedades e sistemas políticos, termos como “conflito”, “divisão”, “tribalismo”, “sectarismo”, “extremismo” e “radicalização” estão entre as analogias ou substitutos mais utilizados. Essas palavras não são neutras nem positivas. Pelo contrário, elas denotam fenómenos negativos. Em contraposição, termos como “opressão”, “agressão” ou “vitimização” – que também denotam fenómenos negativos, mas que se relacionam a dinâmicas mais verticais e assimétricas – raramente são usados como sinónimos de “polarização”. De modo semelhante, termos como “competição”, “desacordo” e “rivalidade” – que envolvem dinâmicas mais horizontais e simétricas, mas transmitem menos gravidade ou perigo – raramente são equiparados a “polarização”. Tais escolhas são reveladoras da forma como a polarização é geralmente compreendida.

4. Uma definição proposta

Este artigo oferece a seguinte definição de polarização, sob o risco de provocar polémica, mas visando fomentar o debate estruturado:

Polarização: uma divisão ou conflito proeminente que se forma entre grandes grupos numa sociedade ou sistema político e que é marcada pela agregação e pela radicalização de pontos de vista e de crenças em dois polos distanciados e antagónicos.

Esta definição proposta baseia-se em oito características inequívocas da polarização, que devem ser vistas como um todo interligado, em que a alteração de uma característica pode resultar na alteração de outras.

Distância

Esta característica inequívoca parte do conceito-base de polos e está pressuposta no uso geral. Por sua natureza, polos ficam a uma distância substancial uns dos outros, quer essa distância seja física, ideológica ou emocional. Polos são caracterizados pela ausência de proximidade.

Binária

Ao contrário de “radicalização”, “extremismo”, “sectarismo” ou “tribalismo”, a polarização é tipicamente entendida como uma relação binária entre dois polos ou extremos. Quando conflitos envolvem mais lados – uma realidade não incomum – um termo diferente é evocado (por ex., “divisão”, “desacordo”, “conflito”), e não um novo adjetivo.

Massa crítica

Pela própria natureza, os polos existem em algum tipo de equilíbrio entre si, como duas extremidades de um ímã ou de um eixo. *Ex ante*, isso exclui o uso do termo polarização para descrever uma situação em que o meio-termo é maior do que os polos. O rótulo de polarização só faz sentido se houver de fato ou perceptivelmente uma massa crítica em cada polo e uma massa menor entre eles.

Centrífuga

Esta característica é amplamente utilizada, e também deriva logicamente do cruzamento das palavras-raiz “polarizada” e “polos”. Pessoas polarizadas nos diferentes polos estão preparadas para se afastar e não ir na direção do polo oposto. Encontrar maneiras de obter reconhecimento mútuo, evitar ciclos de respostas destrutivas e expandir o que os negociadores chamam de “zona de possível acordo” são, portanto, desafios intrínsecos à polarização.

Horizontal

A polarização é fundamentalmente um problema de relacionamento cuja dinâmica, estruturalmente, é mais horizontal do que vertical. Dessa forma, as soluções são mais orientadas para a reparação das relações do que para a autodefesa contra um ataque unidirecional como, por exemplo, o nazismo na Alemanha ou o *apartheid* na África do Sul. A polarização não é uma história de Davi e Golias; é uma história de conflito entre dois grupos de tamanhos comparáveis (quer no poder, nos números ou na influência).

Impermanente

Um desdobramento da característica centrífuga (que é um conceito de *movimento*) é que a polarização é um estado do qual podemos entrar e sair. O argumento é que, uma vez que o movimento entre os polos se torna centrípeto durante tempo suficiente, o rótulo da polarização fica insustentável. O mesmo argumento aplica-se à palavra-raiz “polos”: uma vez que o meio cresce mais do que as extremidades, já não é mais lógico falar de polos e, portanto, de polarização.

Ameaça

Nem todas as disputas ferrenhas podem ser reduzidas ao rótulo da polarização. “Barcelona e Real Madrid” não é uma história de polarização; os adeptos têm apenas uma rivalidade. “Carros contra peões” não é uma história de polarização; seus defensores estão simplesmente em lados opostos de uma disputa política. A polarização surge em torno de questões maiores que envolvem ameaças notórias à estabilidade da sociedade ou do sistema político. Para questões menores, existem melhores palavras para utilizar.

Alterização

Esta característica é a consequência lógica de muitas outras e se sobrepõe diretamente a fenômenos como o “tribalismo” e o “sectarismo”, com sua ênfase no antagonismo entre tribos e seitas, respectivamente. Com a polarização, não é diferente. Num estado

de polarização, o efeito é a norma. Os pontos de vista se radicalizam, a complexidade diminui, a adesão supera as ideias, e prevalece uma combinação de romantização dentro do grupo e demonização fora do grupo.

Oito marcas inequívocas da polarização

- | | |
|------------------|-----------------|
| 1. Distância | 5. Horizontal |
| 2. Binária | 6. Impermanente |
| 3. Massa crítica | 7. Ameaça |
| 4. Centrífuga | 8. Alterização |

Como sublinhado anteriormente, essa definição não se destina a encerrar a discussão, mas sim a estimular um debate mais estruturado sobre a nossa compreensão coletiva do que é polarização e o que não o é. Esse processo exigirá tempo, bem como uma avaliação do excedente de adjetivos mencionado.

Num futuro próximo, deve tornar-se possível falar de polarização da mesma forma inequívoca que se fala sobre sectarismo, para o qual há poucos adjetivos porque a definição básica está bem estabelecida. No fim das contas, o que deve emergir não é um teto conceitual, que elimine as nuances e a flexibilidade na forma como a polarização é entendida, mas um piso conceitual, que permita maior precisão.

SEGUNDA PARTE: UM ESPECTRO DE SOLUÇÕES PARA A POLARIZAÇÃO

A segunda parte deste artigo apresenta um espectro de soluções em três partes para o problema da polarização nas sociedades e nos sistemas políticos. Ela inclui reflexões que se desdobram sobre algumas das questões conceituais e práticas levantadas na análise anterior. Ao longo do tempo, a versão inicial do espectro de soluções pode ser refinada e ampliada em sintonia com a aproximação do consenso sobre as características definidoras da polarização.

1. Avaliação do contexto

A discussão produtiva de soluções para qualquer problema social ou político, especialmente em num caso complexo como a polarização, fica mais fácil quando há um consenso mínimo sobre a natureza do problema em si. Com esse intuito, é vital uma compreensão ampla e geral do fenômeno. No entanto, deve-se sempre olhar para os fatos para averiguar a pertinência do rótulo.

O exercício é tudo, menos acadêmico. Um diagnóstico correto da conjuntura é um pré-requisito para qualquer boa formulação de estratégia.

Por exemplo, um diagnóstico que depende muito de atores “externos”, em vez de [atores “internos”, redes, conhecimento e liderança](#), raramente terá o resultado desejado. De fora, pode parecer polarização, mas quando é experimentado e examinado de dentro, pode ser muito diferente.

Como sempre, o problema está nos pormenores. Definições, manuais, caixas de ferramentas e listas de verificação não têm qualquer valor se a análise da conjuntura for defeituosa. Isso inclui rigor sobre as principais causas específicas do contexto, dos atores, dos acionadores, dos sintomas e das consequências da polarização. A avaliação da qualidade – atualizada sempre que necessário – é indispensável.

2. A modelação de um espectro de soluções

Através da Iniciativa Global sobre Polarização, foi feito um esforço para mapear globalmente todas as grandes organizações e projetos com intenção explícita de prevenir ou de combater a polarização. Uma imagem clara surgiu por meio do exercício. A grande maioria das tentativas de estratégias e de soluções encaixam-se em três categorias, como mostrado no diagrama de Venn a seguir. Distribuições análogas são encontradas na [literatura recente](#) sobre polarização.



Dadas as características inequívocas da polarização, a categoria menos surpreendente no diagrama de Venn são os esforços de divulgação e de diálogo. Quando há risco de um conflito ou um conflito concreto entre grandes grupos, marcado pelo agrupamento de pontos de vista e de crenças em polos antagônicos, o diálogo é uma ferramenta compreensível para os que procuram prevenir ou reduzir a polarização. É semelhante ao papel do pacificador e, como tal, a maioria dos métodos e das estratégias correlacionam-se com os campos de construção da paz e da resolução de conflitos.

A segunda categoria, “intervenções com fatos e narrativas”, também se encaixa nas características inequívocas da polarização. Quando há um ponto de vista de radicalização e alterização em escala, é lógico que o esclarecimento factual e a mudança de narrativa sejam entendidos como partes necessárias da solução. Esse é o reflexo da verdade e da reconciliação e, como tal, muitas das estratégias lembram o campo da justiça transicional.

A terceira categoria é muito mais ampla e tem a ver com mudanças no ecossistema em que a polarização prospera ou recua: “reformas estruturais”. A ideia é que a polarização não surge arbitrariamente, mas em resultado de ações em ambientes que oferecem uma mistura de incentivo e desincentivo para certos tipos de comportamento. Algumas variáveis tendem a ser rígidas e lentas para mudar (por ex., geografia, demografia, cultura política, níveis de alfabetização) enquanto outras serão comparativamente mais maleáveis (por exemplo, instituições, leis e políticas). Mudanças em ambos os tipos

de variáveis produzirão mudanças de comportamento entre os principais atores – por exemplo, empurrando-os para maior ou menor cooperação e tolerância.

Algumas observações adicionais se justificam. Primeiro, a escolha de um diagrama de Venn deve-se ao fato de que as três categorias de solução, às vezes, se sobrepõem. Por exemplo, um processo de diálogo pode ter como objetivo modificar um panorama narrativo que está impedindo uma reforma estrutural necessária. As categorias podem reforçar-se mutuamente.

Em segundo lugar, um pressuposto transversal liga as três categorias: intervenções bem sucedidas requerem a construção de uma coalizção, análise política, formação de estratégias e outras formas eficazes de organização. Embora nenhuma delas seja uma categoria de solução independente, cada uma pode ser um ingrediente metodológico importante para o sucesso geral das três categorias de solução.

Em terceiro lugar, o espectro de soluções apresentado acima não é abrangente nem prescritivo (por exemplo, religião e esportes podem ser usados de formas específicas para despolarizar). Diante disso, deve ser entendido como uma forma de descrever as principais concentrações de atividade das organizações e projetos identificados por intermédio da Iniciativa Global sobre Polarização como um trabalho explícito e intencional na polarização em diferentes partes do mundo.

Um ponto final é que algumas ações relacionadas à polarização podem, por razões variadas, omitir o rótulo. Por exemplo, uma campanha social massiva para se opor a um líder autoritário que tenha fomentado abertamente um estado de polarização étnica, política ou religiosa pode não ser travada sob a bandeira do combate à polarização. Isso porque, normalmente, o objetivo maior e o enquadramento correspondente em tais casos não é parar a polarização, mas parar um vilão. Embora atingir esse objetivo possa ser útil para reduzir a polarização, é um efeito secundário em vez de uma intenção principal.

3. Questões sobre o projeto de intervenção

Destacou-se a importância da avaliação de contexto e um espectro de soluções em três partes foi apresentado. Esta seção enquadra ambos, observando a influência das condições iniciais no projeto de intervenção.

Pelo menos duas regras gerais merecem ser mencionadas. Primeiro, *quanto mais grave a polarização*, menor o alcance das reformas estruturais (por exemplo, porque a construção de coalizções entre grupos é mais difícil), menor é o impacto das narrativas alternativas e do rendimento da descoberta imparcial de fatos (por exemplo, porque a radicalização e a simplificação das opiniões e crenças já fecharam a mente das pessoas), e fica mais necessário ainda grupos de foco para o diálogo (por ex., porque não há um grupo receptivo do outro lado). Em segundo lugar, *quanto mais autoritário for o sistema político*, maior será a necessidade de coalizções entre grupos (por exemplo, defender reformas estruturais democraticamente promulgadas), mas haverá menor espaço político tanto para a construção da confiança fora do grupo (por ex., por causa da repressão) como para a imprensa independente e narrativas unificadoras (por ex., por causa da censura e do controle estatal dos meios de comunicação social).

Naturalmente, há dezenas de outras condições iniciais a serem avaliadas antes de desenvolvermos qualquer resposta estratégica. Estas incluem questões básicas sobre quem está polarizado e porquê, e sobre quaisquer janelas de oportunidade para prevenir ou reduzir a polarização (por ex., choques externos ou o início de negociações de paz ou transição política). Mas, uma vez que um diagnóstico forte e conduzido localmente esteja pronto, cinco tipos de variáveis combináveis podem servir para ajudar a elaborar o projeto da intervenção:

Cinco variáveis de intervenção

1. *Foco* dentro do grupo ou fora do grupo
2. *Abordagem* cooperativa ou de confronto
3. *Metas* de curto prazo ou longo prazo
4. *Escala* micro ou meso ou macro
5. *Âmbito* local ou nacional ou regional ou global

O projeto de intervenção na categoria de *esforços de divulgação e de diálogo* pode levar em conta essas cinco variáveis de várias maneiras. Por exemplo:

- uma intervenção dentro do grupo pode consistir na divulgação por parte de pessoas influentes para ajudar a desradicalizar a opinião interna do grupo, enquanto uma intervenção fora do grupo pode envolver a promoção de confiança nos moderados externos;
- uma abordagem cooperativa pode abranger medidas unilaterais de fortalecimento da confiança, enquanto uma abordagem conflituosa pode envolver críticas públicas aos sabotadores de uma negociação em curso;
- um objetivo de curto prazo pode ser de chegar a um acordo sobre a construção de um diálogo formal, enquanto um objetivo de longo prazo pode ser de chegar a um acordo final viável;
- uma intervenção em microescala pode concentrar-se num cessar-fogo limitado, enquanto uma intervenção meso ou macro pode tentar usar o diálogo para resolver algumas causas principais da polarização; e
- em termos de alcance geográfico, poderá ser necessário um conjunto diversificado de vias de diálogo locais, nacionais, regionais e globais para reduzir a polarização na esteira de um conflito armado interestatal entre países com fronteiras partilhadas e populações plurinacionais.

No que diz respeito às *intervenções relacionadas a fatos e narrativas*:

- um foco dentro do grupo pode envolver esforços para mudar narrativas desagregadoras ou silenciar ecos das redes sociais, enquanto um foco fora do grupo pode ser direcionado para o esclarecimento empírico de histórias contestadas;
- uma abordagem cooperativa pode incluir exercícios de imaginação de “futuros alternativos”, enquanto uma abordagem de confronto pode envolver ações legais para combater a desinformação;

- um objetivo de curto prazo pode ser treinar jornalistas e juízes para detectar vieses inconscientes, enquanto um objetivo de longo prazo pode ser transformar um [cenário narrativo](#) prejudicial;
- uma microintervenção pode assumir a forma de uma sondagem pública sobre uma questão pública controversa, enquanto uma intervenção meso ou macro pode envolver o estabelecimento de uma comissão da verdade e reconciliação para [“reduzir a gama de mentiras permissíveis”](#) ou a produção de uma série de filmes para promover normas sociais pacíficas; e
- em termos de alcance geográfico, poderá ser necessária uma mistura de medidas locais, nacionais e transnacionais para trabalhar em narrativas e normas profundamente enraizadas, por exemplo, na divisão entre islamistas e secularistas no mundo árabe.

No que se refere a reformas estruturais:

- um foco dentro do grupo pode envolver a democratização interna de um único partido político, enquanto um foco fora do grupo pode implicar mudanças de regras para incentivar o pluripartidarismo;
- uma abordagem conflituosa pode abranger a arbitragem para alterar as leis de propriedade que estão incentivando a polarização, enquanto uma abordagem cooperativa pode ser a criação de uma assembleia de cidadãos para abordar um impasse político;
- um objetivo de curto prazo pode incluir apoio fiscal temporário a um grupo minoritário maltratado e empobrecido, enquanto um objetivo de longo prazo pode concentrar-se em políticas para corrigir [desigualdades horizontais](#) arraigadas ou alterar culturas políticas que só contemplam “vencedores”;
- uma microintervenção poderá focar na transformação de práticas de recrutamento discriminatórias dentro de uma instituição, enquanto uma meso ou macrointervenção pode estender-se a grandes áreas do serviço público e do setor privado; e
- uma reforma local pode ver medidas de democracia participativa em nível municipal para encorajar o envolvimento cívico entre grupos, enquanto esforços de reforma nacionais, regionais ou globais podem abordar qualquer coisa, desde a regulamentação das redes sociais e inteligência artificial até problemas de corrupção ou impunidade como fontes de queixa.

Naturalmente, esses exemplos tocam apenas à superfície do que pode ser incluído numa futura caixa de ferramentas global de estratégias testadas e adaptáveis. Para que isso aconteça, no entanto, deve-se superar a ausência de um consenso básico sobre os traços definidores da polarização.

Décadas atrás, a mesma limitação existia no campo da resolução de conflitos, quando as ferramentas de diagnóstico eram limitadas, os mecanismos de alerta precoce eram rudimentares, as estratégias de resposta eram *ad hoc* e as medidas de sucesso, esotéricas. Hoje, contrariamente, há um consenso generalizado entre acadêmicos e profissionais sobre os fundamentos da resolução de conflitos, mesmo que os parâmetros exatos se mantenham abertos ao debate e à evolução.

Com a polarização, o conjunto contínuo de ambiguidades sobre questões básicas está produzindo uma espécie de caos na prática e na conceitualização, com conversas frequentemente andando em círculos, que têm afastado da cooperação e da aprendizagem global ao invés de aproximar. Quem perde são as sociedades e os sistemas políticos em que a polarização se estabelece, trazendo a sua combinação de radicalização, conflito, alterização e divisão.

PARTE TRÊS: UM CAMPO DE POLARIZAÇÃO IMAGINADO

Esta terceira parte explora brevemente o que pode significar – para o melhor e para o pior – o surgimento de um “campo” de polarização.

Observa-se primeiramente que grandes universidades em todo o mundo oferecem diplomas em dezenas de áreas de estudo – da antropologia ao jornalismo, conflitos, ciência ambiental, música e planejamento urbano. A polarização não figura (ainda) nessa lista.

Em segundo lugar, os campos são mais do que apenas áreas de estudo. Eles também operam como “mercados” de atores que cooperam alternadamente ou competem pela atenção, pelos recursos e muito mais.

Em terceiro lugar, em campos maduros onde surgiu um grande [setor terciário](#), mais tempo é gasto em operações e na aplicação controlada de soluções e comparativamente menos em debates sobre questões fundamentais. Com o passar do tempo, as soluções que comprovadamente funcionam melhor em muitas jurisdições tornam-se muitas vezes parte do conhecimento aceito e transferível do campo.

No entanto, campos maduros e lotados podem ser acompanhados de reflexos burocráticos nos quais dominam as soluções formulaicas, os atores crescem territorialmente, as agendas tornam-se mais orientadas para os doadores, a investigação intelectual é sufocada, as lições tornam-se obsoletas por meio da repetição, e silos são formados, reduzindo a aprendizagem, a coordenação e a integração dos setores com outros campos.

Nem a polarização nem a despolarização são campos em sentido global, pois tais reflexos ainda não estão amplamente presentes. No entanto, tal benefício custará precisão, ordem e estrutura em conceitos, debates, estratégias e formação de alianças que acompanham a formação e o desenvolvimento do campo. Desta forma, há vantagens e desvantagens a serem pesadas, especialmente por atores com capacidade e interesse para investir na [construção de campo](#) deliberada de nível global.

No caso da polarização, há outra questão a pesar: o domínio de uma conceitualização específica aos Estados Unidos. Sem dúvida, o maior volume de trabalhos acadêmicos e de atividade organizacional sobre o tema da polarização está sendo produzido nos EUA. Isto traz a vantagem, por exemplo, de uma literatura crescente por alguns dos melhores estudiosos e *think tanks* do mundo; mas também o risco de um caso idiossincrático, limitado pelo tempo e específico do lugar vir a ser tratado como a forma universal de polarização. Um [trabalho comparativo](#) mais global – e redes, alianças e convenções mais estruturadas globalmente – será, portanto, essencial.

Nesse meio tempo, um passo adiante significativo seria se, como este artigo defende, os acadêmicos e profissionais mais ativos do mundo tivessem alcançado um consenso básico sólido sobre o fenômeno (não qualificado) da polarização. Os benefícios intelectuais e práticos seriam consideráveis, independentemente de qualquer perspectiva futura de formação de campo.

CONCLUSÃO

Este artigo para discussão identificou uma série de ambiguidades crônicas na nossa compreensão global da polarização. Em resposta, propôs uma definição de polarização que, por meio de debate futuro, visa a promover a possibilidade de um parâmetro a ser compartilhado entre acadêmicos e profissionais. Um sinal de progresso seria a redução gradual do excesso de adjetivos em circulação, que criam mais confusão do que clareza. No futuro, deve-se tornar possível falar sobre polarização com a mesma lucidez que se fala sobre sectarismo.

Com base em pesquisas globais, e no próprio trabalho do IFIT, este artigo também apresentou um espectro de soluções indicativas para a polarização, em plena consonância com a definição proposta. O espectro destaca que as respostas à polarização devem percorrer uma ampla gama e oferecem critérios para um projeto de intervenção com base no contexto.

Mesmo assim, as soluções serão de interesse aos que consideram a polarização um problema sério; um problema que nenhuma sociedade ou sistema político deve desejar. Nessa frente, continuam a existir muitos céticos – pessoas que, por exemplo, veem a atenção à polarização como uma diluição ou uma distração às preocupações sociais mais importantes ou como tributária apenas de indivíduos mal intencionados; como uma alavanca retórica ou um pretexto maioritário para forçar compromissos políticos inaceitáveis ou acordos de status quo em grupos menos poderosos; como um termo para dissuadir os ativistas de usar táticas mais conflituosas ou divisivas; ou ainda como um problema cujos verdadeiros riscos são simplesmente exagerados.

Esse ceticismo é bem-vindo e compreensível. No entanto, como o ceticismo pode ser baseado em entendimentos altamente divergentes sobre o que é a polarização, este artigo apresenta um apelo para darmos um passo atrás e esclarecer os primeiros princípios com muito maior precisão. Quando isso acontecer, poderemos descobrir algo que é evidente no trabalho global da IFIT por meio de estados autoritários, frágeis e afetados por conflitos muito diversos: a polarização em todas as suas formas é algo a ser evitado. “Porque não agimos mais cedo?” é o bordão do qual devemos procurar evitar da próxima vez.

Agradecimentos. O autor gostaria de agradecer aos vários colegas, parceiros e especialistas que contribuíram com informações valiosas nas várias convenções, reuniões e *workshops* realizados pelo IFIT e pela Fundação Ford no ano anterior, sob os auspícios da Iniciativa Global sobre Polarização. Tais ideias e argumentos-chave informados estão sendo divulgados neste artigo. O autor também agradece especialmente a Hilary Pennington, Annamie Paul, Barney Afako, Dana Habib, Alejandra González, Jasmina Brankovic e Melanie Greenberg por suas opiniões construtivas quanto a versões anteriores deste artigo; e Joe Correia pelas revisões da tradução para o português.

Sobre o IFIT. Fundado em 2012, o [Instituto para Transições Integradas](#) (IFIT, Institute for Integrated Transitions) é uma organização independente, internacional, não-governamental que oferece análise interdisciplinar e apoio técnico a atores nacionais envolvidos em negociações e transições em estados frágeis e afetados por conflitos. O IFIT apoiou negociações e transições em países como Afeganistão, Colômbia, El Salvador, Líbia, México, Nigéria, Sri Lanka, Sudão, Síria, Gâmbia, Tunísia, Ucrânia, Uzbequistão, Venezuela e Zimbábue.

